

# ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU  
EDIÇÃO Nº11 FEVEREIRO DE 2006 - ANO 4

A photograph of three young people sitting on a dark leather couch. The person on the left is a man with short dark hair, wearing a yellow and black raglan t-shirt with 'Jamaican Tribe 10' printed on it, green pants, red socks, and black sneakers. The person in the middle is a woman with short dark hair, wearing a white t-shirt with green trim, dark pants, and black sneakers. The person on the right is a man with a beard and glasses, wearing a green polo shirt, dark pants, and brown sneakers. They are all looking towards the camera. The background is a vibrant, multi-colored pixelated pattern.

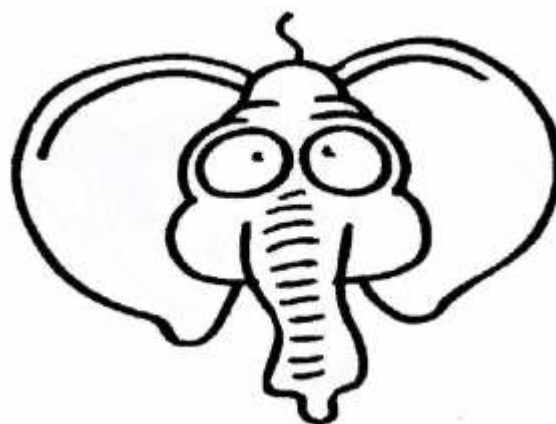
NOVA GERAÇÃO DO  
RIO DE JANEIRO

AMYR KLINK, WEEDS, GIZZA MACHADO

Há quatro anos iniciava a minha monografia de conclusão do curso de Comunicação Social na Universidade Católica de Brasília. Fiz um estudo sobre a linha editorial dos últimos cinco anos de existência da revista *Bizz* e como a música de Brasília foi divulgada na mais importante revista de música da história brasileira. Como parte da pesquisa, precisei fazer um levantamento da cena brasiliense da última década para justificar porque só os Raimundos e ocasionalmente o Maskavo Roots ganhavam atenção nas páginas daquela publicação mensal da Editora Abril.

Os anos 90 foi um período de pouca abertura para o rock. O gênero só foi começar a ganhar espaço no final da década, num momento que os independentes se organizaram e apareceram. Esperava-se que acontecesse um "boom" dessas bandas (incluindo algumas apostas locais que pareciam certas) no início do século, mas elas esbarraram em problemas comuns de várias localidades. Um era a falta de espaço adequado e o outro era o não interesse do público em conhecer o novo e o diferente. No fim, toda aquela galera que fazia música boa nunca conseguiu transpor o circuito independente.

Na época da minha monografia, eu e os meus três amigos da chamada Equipe Bu mantínhamos um site bem ativo do Elefante Bu. Recebi muitos EPs de bandas independentes, sendo que a maioria vinha do Rio de Janeiro. Hoje, muita gente boa que surgiu naquela época não resistiu. Porém, aquelas que tinham um bom conceito e planejamento conseguiram sobreviver ao tempo. Outras raras, depois de muito trabalho aliado com um pouco de sorte, saíram do circuito independente para ganhar a grande mídia. Esta edição mostra alguns desses personagens.



## ELEFANTE BU N° 11

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS:

Djenane Arraes

REVISÃO:

Daniela Casarotto

FOTO CAPA:

Banda Noitibó/Divulgação

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES:

Todas as fotos utilizadas foram de arquivos de divulgação.

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

AlexLuiz, Nelson Burgos, Peter Strauss, Gizza Machado, Daniela Casarotto, Babaloo Kid, Loester, Luiz Nogueira.

DISTRIBUIÇÃO:

De e-mail em e-mail.

E-MAIL e EDIÇÕES ANTERIORES:

[elefantebu@yahoo.com.br](mailto:elefantebu@yahoo.com.br)

CANÇÕES E AFINS:

Nenhuma em especial. Na verdade, a produção deste Elebu seria bem silenciosa se não fosse o som da TV e dos noticiários de fim de noite.

SE VOCÊ GOSTOU DESTA EDIÇÃO DO FANZINE ELEFANTE BU, REPASSE-A AOS SEUS AMIGOS!

A NOVA GERAÇÃO DO RIO

RICARDO KÓCTUS

ALMIR KLINK

CRASH - NO LIMITE

KAMCHATKA

GIZZA MACHADO

WEEDS

# O MELHOR SHOW DE 2005

O Pato Fu ganhou o prêmio de melhor show de música popular em 2005 da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Foi a primeira vez que a banda recebeu esse prêmio da entidade. A APCA coroou a turnê do disco *Toda Cura Para Todo Mal*, que além das músicas mais recentes, ainda traz releituras de clássicos como *O Processo de Criação Vai de 10 Até 100 Mil* e *Capetão*. Outra atração do show é a aparição do astronauta Silício, um boneco manipulado por Fernanda Takai para a música *Simplicidade*. Pato Fu é quase sinônimo de bons shows. A sua performance em cima do palco rendeu elogios de jornalistas em festivais internacionais como o Rock in Rio e o Hollywood Rock, além dos tradicionais Abril Pro Rock, Porão do Rock, Atlântida, entre outros.

## OS MELHORES SHOWS NA OPINIÃO DOS FÃS DE BRASÍLIA

Washington Ribeiro

Onde: Planeta Rock, Taguatinga – DF  
Quando: 1997

Turnê: Tem Mas Acabou

Por quê: Foi lá que o fã clube

Quack Fu começou a existir.

Foi realmente um show under-

ground. O palco era muito perto

da galera e o Pato Fu estava ins-

pirado naquele dia. E todos nós da

platéia também! Conseguimos en-

trar nos camarins, tirar fotos, pegar

autógrafos e até fomos entrevistados

por um programa de TV à cabo apre-

sentado por Adriano Siri. Conheci mui-

tos fãs do Pato Fu naquele dia no qual

fazem para da minha vida até hoje!

Djenane Arraes

Onde: Planeta Rock, Taguatinga – DF

Quando: 1997

Turnê: Tem Mas Acabou

Por quê: Foi o primeiro show que vi do Pato

Fu, tinha 17 anos e esperava por essa chance

de vê-los ao vivo há muito tempo. Na ocasião

foram gravadas cenas para o clipe O Peso das

Coisas. Hoje é muito fácil encontrar quem

goste do Pato Fu, ao contrário daquela época.

E o público que lotou o Planeta foi quase

totalmente de fãs que sabiam cantar todas as

músicas (incluindo a minha irmã, que não era

fã, mas sabia cantar um monte)! Eu chamo

esse show de "Elis Regina": quanto mais vou a

shows do Pato Fu, melhor e mais significativo

o do Planeta Rock fica.

Luiz Nogueira

Onde: Planeta Rock, Taguatinga – DF

Quando: 1997

Turnê: Tem Mas Acabou

Por quê: Apesar do show de Belo Horizon-

te ter sido sensacional (gravação do MTV

Ao Vivo), o melhor foi o do Planeta Rock.

O lugar estava apertadíssimo. Sabe o

que esse show me lembra? O Nirvana

no início da carreira, tocando em bote-

cos lotados. Incrivelmente o melhor

show que vi foi na minha cidade, mo-

mentos únicos! Lembrei da cara da

sua irmã!

N.E.: A irmã em questão é a da

Djenane. A Cintya estava na época

com 25 anos e prestes a se

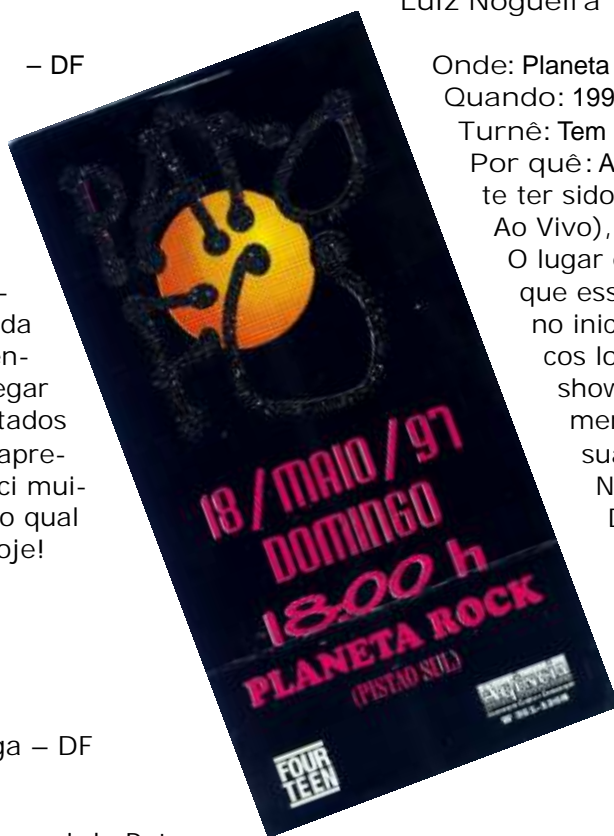
casar. O comentário mais em-

blemático dela a respeito foi:

"Eu quase fui esmagada nes-

se show! Foi o maior programa

de índio!"



Loester Neto

Onde: Fábrica, SIA – DF

Quando: 1996

Turnê: Tem Mas Acabou

Por quê: Foi o primeiro show só do Pato Fu que eu fui

(havia ido em um uma semana antes em Goiânia, mas o

show principal era do Chico Science & Nação Zumbi).

Além disso, tive a oportunidade de pela primeira vez

entrar nos camarins e conhecê-los pessoalmente. Foi

então que o John me deu umas dicas do mIRC e, a partir

daí, tive uma relação mais próxima - apesar de virtual -

com eles. Nesse show, a Fernanda estava 98% sem voz e

o John teve que cantar algumas músicas, como Capetão

66,6 FM. Acho que isso foi único.

# O DISCO QUE SALVA E O LIVRO QUE ENTRETÉM

Ricardo Kóctus, baixista do Pato Fu, escreveu sobre o disco *Commemorative Issue – The Top Ten Hits*, de Elvis Presley, para o livro *Noite passada um disco salvou minha vida – 70 álbuns para a ilha deserta*, lançado pela Geração Editorial. O texto de Ricardo começa com pensamentos sobre o que viria a ser o futuro e traz referências do seriado *cult* *Jornada nas Estrelas*. Sua narrativa segue nesses moldes até chegar a descoberta de Elvis e o impacto que ele teve em sua vida. *Noite passada um disco salvou a minha vida* foi organizado pelo jornalista Alexandre Petillo e reúne textos de músicos, produtores, personalidades de TV e jornalistas. Entre eles estão Pitty, Fernando Rosa, Kassin, Lulu Santos, Léo Jaime e Jotabê Medeiros. Esta é a segunda participação em livros de um integrante do Pato Fu. A pioneira foi a vocalista Fernanda Takai ao escrever a "orelha" de *Mothers: Manual da Mãe Moderna*, de Juliana Sampaio e Laura Guimarães.





# A HORA DA AFIRMAÇÃO

Quanto *Te Procuo* chegou a ser uma das músicas mais executadas nas rádios em todo país em 2005, representou a primeira grande vitória de uma banda surgida do circuito independente do Rio de Janeiro no raiar do novo século. Enquanto a Leela colhe os frutos de um trabalho intenso que começou em 2000, dezenas de outras bandas conterrâneas que surgiram na mesma época ainda lutam por espaço e reconhecimento. O momento nunca foi tão favorável para que esses novos valores apareçam. O que os novos artistas fluminenses oferecem para o resto do país, além do já conhecido rock da Leela, é uma cena diversificada, única e de muita qualidade.

Pode-se listar pelo menos 15 bandas que começaram seus trabalhos a partir de 2000 e que estão em plena produtividade. Todas possuem obras diferenciadas umas das outras. Essa diversidade é uma das características mais importantes na nova geração. "O que mudou foi que as bandas passaram a integrar outros elementos no seu som além do rock, procurando verdadeiramente uma identidade e lutando com garra por isso. As que ficaram de lá até hoje são as que realmente tiveram raça para enfrentar as adversidades que passa uma banda independente aqui no Rio", disse AlexLuiz, vocalista e guitarrista da banda Noitibó. Outra característica na nova geração é o profissionalismo. Se fazer um disco ficou mais fácil e barato do que nas décadas anteriores, logo é fundamental ter uma boa estratégia de marketing e divulgação, além de saber produzir a si própria. "No fundo grande parte dos músicos do chamado underground querem mesmo é sair dele, então a mentalidade "mainstream" está totalmente enraizada em suas posturas e atitudes", disse Peter Strauss, da dupla de música eletrônica Ouvintes. Ele, no entanto, criticou aqueles que deixam o profissionalismo passar por cima da criatividade. "É importante ser profissional no sentido de fazer o trabalho certo, mas muita gente se foca naquela



A dupla de música eletrônica Ouvintes sonha em compor trilhas para cinema

ânsia de ser artista e não na música em si, que fica em segundo plano. Então vemos uma avalanche de bandas que são cópias de outros trabalhos e muita gente boa comendo pelas beiradas".

Apesar de todas as qualidades, o cenário fluminense ainda esbarra em problemas comuns para fortalecer o cenário. Um é a falta de espaços adequados. Para AlexLuiz, a situação melhorou um pouco depois que foi eliminada a exigência de vender um determinado número de ingressos para poder tocar em certas casas de show. "Isso em 2000 era praticamente lei e não havia

tantas oportunidades pra se apresentar. Hoje, apesar de difícil, ainda se vê alguns lugares legais como sebo Baratos da Ribeira em Copacabana e a locadora de vídeo Cinéfila em Campo Grande que, apesar de não serem estruturados inicialmente pra se ter show, tem um público legal e interessado". Nelson Burgos, da banda Nelson e os Gonçalves, citou casas como o Ballroom, Lonas Culturais, Circo Voador, Casa da Matriz, Centro Cultural da Constituição, no centro do Rio de Janeiro, Tomarock, na Baixada Fluminense, Convés, em Niterói e Baratos da Ribeira, na zona sul. Ele lamentou, porém, que a maior parte delas estão se segurando no improviso.

## MÚSICA, LITERATURA E ARTE GRÁFICA



Vindo de Niterói, o Noitibó de AlexLuiz, Andréa Amado e Sidney Santana gravou quatro EPs desde 2001. O último deles, *O Maior Zircônio Cúbico do Mundo*, lançado no ano passado pelo selo Necrose, consolidou a sonoridade da banda. Ao ouvir os primeiros acordes não há dúvidas: é o Noitibó de som cru e letras ácidas, que por vezes tornam-se complicadas. O maior objetivo dos integrantes é poder viver da música sem precisar de empregos paralelos. Enquanto correm atrás do sonho, os integrantes se engajam em várias outras atividades. Andréa Amado é designer e desenvolveu o projeto visual de todos os EPs e possui seu próprio escritório, a HumDesing. AlexLuiz é também escritor e já lançou três livros, sendo um deles de poesias. O Noitibó também é engajado na produção de shows e na divulgação da cultura independente. Eles mantêm o site Hum Eletrônico, que traz resenhas de discos, filmes, notícias do mundo da música, além de artigos, crônica, poesias e artes plásticas.



Nelson e os Gonçalves preparam primeiro disco da carreira com 15 músicas

Muitas fecharam as portas ou perderam o pique. "A maioria dos espaços são punks mesmo e alguns valem pela atitude do local. A galera que faz é sincera, o ingresso é barato ou grátis, e o cara não quer tirar lucro. Vale a pena!".

A dificuldade número dois é o público. Muitos só conseguem captar interesse após aparecem em festivais ou em projetos culturais. O Rio de Janeiro não é uma cidade roqueira em sua plenitude, na opinião de Nelson. "O rock não toca na rádio, e se não toca, as coisas ficam segmentadas em algumas rádios, fanzines, fotologs e afins". A falta do público é consequência da própria falta de espaços na opinião de Peter. Acontecem situações onde a platéia é as próprias bandas, o que fecha o cenário. "Se houvesse maior quantidade de espaços bons, com estrutura para os músicos, casas que atendessem a grande variedade de música que existe, a situação seria melhor", afirmou. "Apesar de tudo isso, existem excelentes bandas, muito profissionais e originais e que fazem excelentes shows. É uma pena que tenham tão pouca exposição".

### Na luta por um lugar ao sol

Noitibó, Nelson e os Gonçalves e Ouvintes estão entre aqueles que ainda batalham muito para conseguir o seu espaço. De Niterói se destacam a própria Noitibó, a Abaixo de Zero e The Feitos. A banda de AlexLuiz é guitarra, baixo e bateria. O som é cru e com características próprias. Não há como relacioná-los com outras bandas ou encaixá-los em um subgênero específico do rock. A palavra alternativa, que engloba centenas de coisas, é a usada para defini-la. A Abaixo de Zero investe em bom material de divulgação e alta produtividade. O quarteto é pop-rock de influência inglesa com toques psicodélicos. É uma das bandas que conseguem sair do estado e conseguir atenção da mídia. Já tocaram em grandes palcos e também numa das festas de lançamento da extinta revista Zero. Com uma carreira mais modesta, o trio The Feitos, formado no final de 1999, conseguiu chamar atenção graças ao hit underground *Disco do Roberto*. Ela foi considerada como uma das dez melhores músicas de bandas independentes de 2003, segundo a revista eletrônica *Senhor F*, editada pelo jornalista

Fernando Rosa.

Nelson e os Gonçalves vem da capital. O atual quarteto carioca nasceu como um trio em 2002 e traz como influências Arnaldo Baptista, Raul Seixas, Jimi Hendrix e Kurt Cobain. Nos shows, uma das atrações é a versão de *Nada Além*, de Mário Lago. O primeiro registro da banda foi uma faixa na coletânea *Tributo ao Inédito*, organizado por Vítor Rocha. O primeiro disco deve sair neste ano. A Pic Nic, do bairro Copacabana, é a representante carioca de voz feminina entre aqueles que ainda precisam suar a camisa em busca de espaço. À frente está a vocalista Guidi, dona de voz doce que faz contraponto às distorções das guitarras. Outro destaque é o quarteto El Efecto. O diferencial do trabalho deles é misturar rock com cavaquinho, flauta, percussão e metais sem pender para a MPB. Esse gênero musical é o norte da Latuya, de Flávio Danza. A banda que se formou no rio, mas tem pé em Minas Gerais, chamou atenção logo no primeiro EP de 2002 ao apresentar uma mistura interessante de rock e MPB ainda mais ousada do que a do Los Hermanos. Ao contrário do quarteto consagrado, a Latuya nunca diminuiu o peso das guitarras em suas músicas. Em 2003 eles não só consolidaram o estilo como também convidaram o baterista hermano Rodrigo Barba para uma participação no segundo EP. A versão inusitada de *Bésame Mucho* é imperdível. A Latuya lançou o disco *Alegorias Gratuitas* no ano passado, que vem sendo bem recebido pela crítica.

### Quase lá

Se existe uma aposta unânime da crítica sobre quem vai conquistar o grande público neste ano, o agraciado é o quarteto Ramirez. A banda evoluiu rápido e hoje é figura fácil dos festivais pelo país afora. Eles lançaram, no ano passado, o primeiro disco. Trata-se de um trabalho recheado de potenciais hits de melodias grudentas e letras idem. Embora elogiada pela crítica, o risco da





Lasciva Lula foi um dos destaques do Humaitá Pra Peixe 2006

Ramirez consiste na aproximação perigosa com a sonoridade da Los Hermanos de Anna Júlia e do *Bloco do Eu Sozinho*.

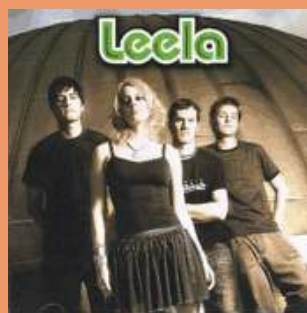
Uma banda que surgiu em 1998, porém não podia deixar de ser colocada aqui é a Lasciva Lula, de Cabo Frio. Ela tem crítica a favor, público, estilo próprio (que não dá para ser comparado com outras bandas), clipe na MTV, se apresenta em lugares bacanas no Rio e fora do estado. O que falta é o primeiro disco, previsto para abril deste ano, e conseguir chegar às rádios. O sucesso do quarteto surpreende porque a música não é muito comercial e conquistar um público fiel nessas condições é um grande feito.

No degrau mais alto

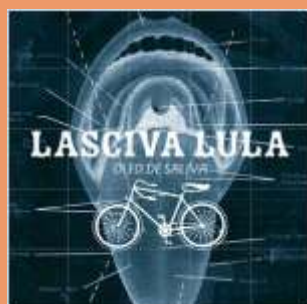
São três as grandes bandas do novo século do Rio de Janeiro: F.U.R.T.O., Leela e Autoramas. A primeira é projeto do músico e compositor Marcelo Yuka e já nasceu grande. A Autoramas, que é considerada a maior banda independente da atualidade, trouxe consigo a história do Little Quail com Gabriel Thomaz, do Planet Hemp com Bacalhau. O primeiro disco *Stress, Depressão e Síndrome do Pânico*, de 2000, foi muito prestigiado. Bem diferente do quarteto Leela, que apesar de terem o apoio de gente como Fausto Fawcett, precisou de muito trabalho para conquistar prestígio e vender muita camiseta e EP em pequenos shows. A estréia do quarteto foi numa pizzaria de Nova Iguaçu em 2000. Mais underground que isso, impossível.

Três anos depois a banda tinha dois EPs gravados e marcado presença em grandes festivais do país, como no palco demo do Porão do Rock em 2002. Na época, a banda já havia composto *Te Procuro*, a música que alcançaria as rádios em 2005. Os integrantes da Leela tiveram paciência em esperar a melhor oportunidade de lançar o primeiro disco numa boa gravadora e ainda se portaram bem quando a imprensa, num primeiro momento, quis fazer uma comparação nada lógica com o Kid Abelha. Agora o grande desafio do quarteto liderado por Bianca Jhordão e Rodrigo Brandão é se consolidar entre as grandes bandas brasileiras.

## CINCO DISCOS



Disco que mostrou ao país a primeira banda carioca do novo século a alcançar as rádios comerciais de todo país e a televisão além da MTV.



O EP de 2003 ainda é trabalhado pela Lasciva Lula, uma das mais respeitadas bandas independentes da atualidade. Traz a ótima *Olivia Lik*.



Ramirez tem nítida influência do Los Hermanos da fase "Bloco do Eu Sozinho". É a aposta dos críticos para estourar neste ano.



Coletânea do site Hum Eletrônico produzido pelos músicos da banda Noitibó. Traz bandas como The Feitos, Lasciva Lula, Ramirez, entre outros.



Latuya foi a primeira banda a apostar no filão rock com MPB nos moldes "hermanos". O segundo EP traz uma ótima versão de *Bésame Mucho*.

# NAVEGAR É MESMO PRECISO

Tenha um objetivo. Qualquer um, por menor que seja. Sem uma meta, corre-se o risco de ficar à deriva. Parece frase de auto-ajuda ou de palestras motivacionais, não é mesmo? Mas essa é a principal mensagem de *Cem Dias Entre Céu e Mar*, o best seller de Amyr Klink. É surpreendente como um livro de aventura pode inspirar.

Esse foi o primeiro livro que li em 2006. Pensei: em ano par tudo melhora, então nada melhor do que uma grande aventura para inspirar novos desafios. E livros com o número cem me atraem. *Cem Anos de Solidão* do Garcia Marquez, por exemplo. Confesso que devo ter algum problema com números.

*Cem Dias Entre Céu e Mar* é sobre a primeira grande aventura do navegador Klink. Ele percorreu em exatos cem dias cerca de 6.500 quilômetros que separam a costa africana e brasileira num barco a remo. A narração do autor é deliciosa. Em poucas páginas ele consegue te transportar para um mundo que poucos são os privilegiados que conhecem bem. Klink planejou a travessia durante dois anos e o seu sucesso foi fruto de um trabalho em equipe muito bem feito que envolveu engenheiros náuticos, nutricionistas, amigos, outros navegadores.

O dia derradeiro foi no porto de Lüderitz, Namíbia, em julho de 1984, depois de dias dramáticos na África que envolveram transporte e licenças. Para piorar, Klink partiu numa data limite antes que as correntes de inverno tornassem impossível a travessia. Os primeiros dias no mar foram dramáticos e eu acompanhava tudo com a mesma angústia que teria se estivesse assistindo um filme. O interessante é que na medida em que o navegador revelava suas coordenadas, ilhas, longitude, eu tirava o velho atlas escolar empoeirado da prateleira só para visualizar o ponto no mapa.

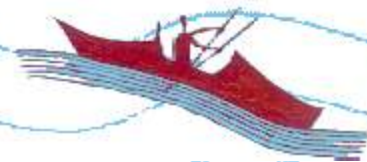
Amyr Klink permitiu que eu viajasse com ele, que visualizasse os dourados que o acompanhou durante quase toda travessia, de ouvir o roçado dos tubarões no casco cheio de moluscos. Coisas que só um bom livro faz.

Depois fiquei sabendo que não fui a única que se sentiu motivada com *Cem Dias*. Klink foi inspiração também para o alpinista Thomaz Brandolin, que organizou a primeira expedição brasileira ao monte Everest. Minhas ambições são bem mais modestas. Só espero um dia ter condições de fazer uma grande viagem de carro até o Chile. Quem sabe um dia?

Sonhos à parte, há muito naquele livreto de um navegador que serve para a nossa vida e isso é o ponto mais valioso. Tenha um objetivo, planeje tudo que puder, viva intensamente.

AMYR  
KLINK

Cem dias entre  
céu e mar





**CRASH – NO LIMITE** – Raiva, perplexidade, simpatia, decepção, perdão, vários são os sentimentos que vão à flor da pele com o filme *Crash*, de Paul Haggis. São 11 personagens de diferentes origens étnicas e classes sociais que se cruzam de diferentes formas. Começa com dois negros que fazem um assalto à mão armada e levam o carro de um promotor de justiça e sua esposa mimada. Os assaltantes atropelam um chinês no caminho e levam o carro para o desmonte. Enquanto isso um policial racista e frustrado desconta sua raiva em cima de um diretor de TV negro e sua esposa que estavam num carro do mesmo modelo do roubado. Enquanto isso, na casa do promotor, a esposa dá chiliques em cima da empregada latina e do chaveiro mestiço que, apesar da aparência de bandido, era um bom pai de família. Na mesma noite o chaveiro tenta consertar a porta de um mercadinho de uma família persa, que por sua vez, sofre desconfiança e preconceito por ser confundida com árabes. No meio da confusão, ainda há um casal de detetives, ele negro e ela latina, que estabelecem uma conexão com os personagens descritos.

Não existe uma moral da história em *Crash*. Cada personagem aprende a lição que precisa e ela nem sempre é iluminada e redentora. A vida é assim! O roteiro escrito por Haggis e Robert Moresco é primoroso, assim como a construção de todo o filme. Uma beleza que reuniu um elenco de primeira com Sandra Bullock, Matt Dillon, Terrence Howard, Ryan Phillippe. Tudo dentro de um orçamento de “apenas” U\$ 6,5 milhões. Prova de que quando um projeto vale a pena, não interessa se o orçamento é modesto. Sandra Bullock que o diga. A atriz queria tanto participar do filme que quase pagou para atuar. Mérito dela, que fez parte de um projeto vencedor. Pra mim o filme vale já pela cena que gerou o cartaz, que é a mais comovente de todas. Às vezes o milagre é um efeito inesperado da prudência.



**KAMCHATKA** – É tão comum encontrar pessoas que dizem que gostariam de ter vivido os conturbados anos 60. A ditadura militar passa a idéia de um período romântico onde as pessoas não se calavam nem diante de um fuzil, quando Chico Buarque fez suas melhores canções, etc. É romântico porque foi no Brasil. Se Chico Buarque fosse argentino, já estaria morto! Os *hermanos* enfrentaram a ditadura militar mais cruel e violenta da América do Sul. É nesse período que se passam as ações do filme *Kamchatka*. Para fugir dos militares, um casal se esconde com os dois filhos em um sítio. Eles precisam trocar suas identidades e forjar sua própria história para driblar seus perseguidores. Mas ao invés de ficar paranóico, o casal procura estabelecer um cotidiano normal e saudável para os filhos.

*Kamchatka* é um filme lento, porém muito bem produzido e com uma fotografia espetacular. O diretor Marcelo Piñeyro conseguiu passar o tormento de estar num regime violento sem mostrar nenhum ato de violência. É como se a frase “sem perder a ternura” encontrasse seu melhor exemplo. O filme foi indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 2002. Nessa arte de fazer cinema, os argentinos são bem melhores que nós. Mas o que é *Kamchatka* mesmo? No mundo real é uma península vulcânica da Rússia. Também é um território de um jogo semelhante ao War. *Kamchatka* é tão familiar para os *hermanos* como Dudinka, Omsk e Vladivostok é para nós.

Fala galera!

O ano de dois mil cinco já passou! Foi rápido pra caramba!

Entramos dois mil e seis com uma nova energia, revigorados...recheados de esperança e promessas de mudança...

Desejo que você consiga cumprir suas promessas, não só com as pessoas que estão ao seu redor, mas principalmente com VOCÊ!

É um prazer enorme continuar participando do zine em 2006!

VIVA O ROCK "N" ROOLLL!

Um Big Beijo no Coração

Gizza Machado

Energia Positiva Sempre!

E-mail: gizza@gizza.com.br

# ONDE ESTÁ A SUA PALAVRA?

TER PALAVRA É PRIVILÉGIO, TER CORAGEM DE SER SÉRIO.

NÃO ADIANTA PROMETER O QUE NÃO SE PODE CUMPRIR.

NÃO ILUDA A SI MESMO NEM QUEM O SEGUIR.

SÓ FALAR E NÃO AGIR É COMO ANDAR EM CÍRCULOS.

SER ORGULHOSO E NÃO ENXERGAR O QUE DEIXOU POR FAZER.

NÃO ADIANTA TER O DISCURSO CERTO,

AS PALAVRAS BONITAS E ACHAR QUE ESTÁ CORRETO.

SE TUDO FICA SÓ NO AR, NÃO ADIANTA A LIÇÃO DE MORAL TEM QUE SER O SEU PRÓPRIO EXEMPLO.

TEM QUE AGIR E DEIXAR ESSE FALA-FALA DE LADO,

ERGUER AS MANGAS E DEIXAR DE PAPO-FURADO.

A VIDA NÃO PÁRA, PORQUE VOCÊ VAI PARAR? AINDA ESTÁ VIVO, ENTÃO TEM CHANCE DE MUDAR.

A MUDANÇA É DIFÍCIL, MAS O QUE É FÁCIL NESSA VIDA?

SE VOCÊ NÃO MUDA HOJE, O AMANHÃ NÃO VAI EXISTIR E O AGORA JÁ FOI FAZ TEMPO, NÃO ADIANTA SE ILUDIR.

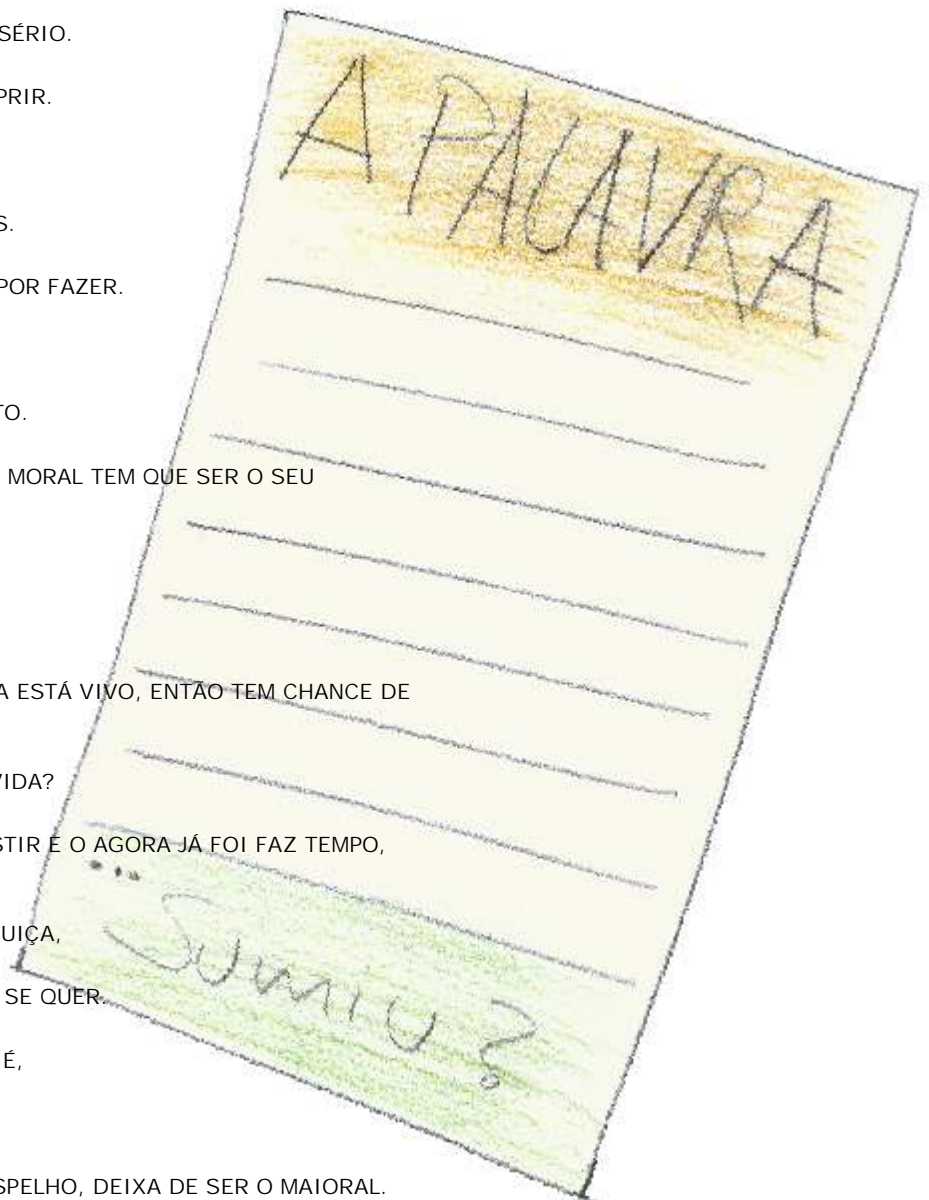
NA ESCOLA DA VIDA NÃO EXISTE ESPAÇO PRA PREGUIÇA,

TEM QUE RALAR...TEM LUTAR...TEM BUSCAR O QUE SE QUER.

NADA É FÁCIL, MESMO QUE PAREÇA DE GRAÇA NÃO É,

O PREÇO É ALTO, ENTENDEU MANÉ?

NÃO VENHA COM LIÇÕES DE MORAL, SE OLHA NO ESPELHO, DEIXA DE SER O MAIORAL.



# A SENHORA DA ERVA

Era uma vez uma heroína chamada Nancy Botwin. Um dia ela ficou viúva e descobriu que o marido deixou uma bela dívida. Para resolver seu problema e ainda manter uma confortável vida no subúrbio para seus filhos, Nancy encontra uma solução nada convencional: vender maconha. Essa é a história da comédia *Weeds*, série da Showtime (no Brasil, passa na GNT), criada pela quase desconhecida Jenji Kohan.

O tema por si só faz de *Weeds* um projeto arriscado, tanto que a emissora americana encomendou apenas seis episódios na primeira temporada. Contudo, para surpresa geral, a minissérie se tornou um sucesso de crítica e conquistou fãs pelo mundo afora. Tanto que ela garantiu ano passado uma segunda temporada com 12 episódios.

Um elenco bem selecionado é uma das razões. Ele é liderado pela sempre competente Mary-Louise Parker e por Elizabeth Perkins. Estrela do adorável filme *Tomates Verdes Fritos*, Parker estava sumida nos últimos anos, amargurando papéis secundários. *Weeds* proporcionou à atriz a volta por cima. Seu trabalho na pele da traficante Nancy Botwin lhe rendeu o Globo de Ouro de melhor atriz de comédia, quando desbancou todo o elenco de *Desperate Housewives*. Perkins também está muito à vontade no papel que lhe rendeu várias indicações em premiações para atriz coadjuvante.

Outra razão do sucesso é que *Weeds* não procura ser moralista e também não caiu na armadilha de fazer pastiche do tema. É comédia, mas por causa da ironia e do cinismo. Ao vender maconha em sua própria vizinhança, Nancy expõe o lado hipócrita de pessoas que preservam uma imagem social irrepreensível e de uma comunidade moralista-conservadora.



Ela própria tem dificuldade de aceitar o seu lado bandido. Briga quando é chamada de traficante. Bandida não, Nancy é apenas uma negociante de um produto ilícito, uma atividade temporária que faz enquanto não acha algo melhor. No decorrer dos episódios, ela enfrenta pequenos dramas familiares e ainda ir de encontro aos riscos que sua profissão proporciona. Quase precisou dar o próprio carro para a família fornecedora (outro ponto alto da série), enfrentou tiroteio, aprendeu a driblar a polícia, precisou manter segredo de seus filhos e sua melhor amiga, e ainda deu aumento para a empregada para mantê-la de boca fechada. Ainda assim, se torna tão boa em vender maconha que pensa até em abrir uma padaria de fachada para “bolos e biscoitos especiais”.

A série não julga Nancy. Quem deve fazê-lo é quem assiste. Mas como condenar uma personagem tão simpática? Sim, o tráfico de drogas é um câncer social que precisa ser combatido. Pessoas morrem por causa disso. Então será que o melhor motivo do mundo, que é sustentar os filhos, justificaria Nancy Botwin? Responda aí. Entre na polêmica de *Weeds*.

